


# Gil Vicente

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

 **Nota:** Se procura informações sobre o clube futebolístico de Barcelos, veja [Gil Vicente Futebol Clube](#).

<b>Gil Vicente</b>	
	
<b>Nascimento</b>	c. <a href="#">1465</a>
<b>Morte</b>	c. <a href="#">1536</a>
<b>Nacionalidade</b>	 <a href="#">portuguesa</a>
<b>Ocupação</b>	<a href="#">dramaturgo</a> , <a href="#">poeta</a>
<b>Principais trabalhos</b>	<i><a href="#">Auto da Barca do Inferno</a></i> , <i><a href="#">Farsa de Inês Pereira</a></i>

**Gil Vicente** (c. [1465](#) — c. [1536?](#)) é geralmente considerado o primeiro grande [dramaturgo português](#), além de [poeta](#) de renome. Enquanto homem de [teatro](#), parece ter também desempenhado as tarefas de músico, actor e encenador. É frequentemente considerado, de uma forma geral, o pai do teatro português, ou mesmo do teatro ibérico já que também escreveu em castelhano - partilhando a paternidade da dramaturgia espanhola com [Juan del Encina](#).

Há quem o identifique <sup>[*quem?*]</sup> com o ourives, autor da [Custódia de Belém](#), mestre da balança, e com o mestre de [Retórica](#) do rei [Dom Manuel](#).

A obra vicentina é tida como reflexo da mudança dos tempos e da passagem da [Idade Média](#) para o [Renascimento](#), fazendo-se o balanço de uma época onde as hierarquias e a ordem social eram regidas por regras inflexíveis, para uma nova sociedade onde se começa a subverter a ordem instituída, ao questioná-la. Foi, o principal representante da literatura renascentista [portuguesa](#), anterior a [Camões](#), incorporando elementos populares na sua escrita que influenciou, por sua vez, a [cultura popular](#) portuguesa.

**Índice**

[\[esconder\]](#)

## 1 Biografia

- 1.1 Local e data de nascimento
- 1.2 Poeta-ourives?
- 1.3 Dados biográficos

## 2 Contexto histórico

- 2.1 O Teatro português antes de Gil Vicente

## 3 Obra

- 3.1 Características principais
- 3.2 Elementos filosóficos na obra vicentina
- 3.3 Personagens

## 4 Legado

- 4.1 Obras

## 5 Referências

## 6 Ligações externas

# Biografia



Gil Vicente, tal como costuma ser representado

## Local e data de nascimento

Apesar de se considerar que a data mais provável para o seu nascimento tenha sido em [1466](#) — hipótese defendida, entre outros, por [Queirós Veloso](#) — há ainda quem proponha as datas de [1460](#) ([Braamcamp Freire](#)) ou entre [1470](#) e [1475](#) ([Brito Rebelo](#)). Se nos basearmos nas

informações veiculadas na própria obra do autor, encontraremos contradições. O *Velho da Horta*, a *Floresta de Enganos* ou o *Auto da Festa*, indicam [1452](#), [1470](#) e antes de [1467](#), respectivamente. Desde [1965](#), quando decorreram festividades oficiais comemorativas do quicentenário do nascimento do dramaturgo, que se aceita [1465](#) de forma quase unânime.

[Frei Pedro de Poiares](#) localizava o seu nascimento em [Barcelos](#), mas as hipóteses de assim ter sido são poucas. [Pires de Lima](#) propôs [Guimarães](#) para sua terra natal - hipótese essa que estaria de acordo com a identificação do dramaturgo com o [ourives](#), já que a cidade de Guimarães foi durante muito tempo berço privilegiado de joalheiros. O povo de Guimarães orgulha-se desta hipótese, como se pode verificar, por exemplo, na designação dada a uma das escolas do concelho (em [Urgeses](#)), que homenageia o autor.

[Lisboa](#) é também muitas vezes defendida como o local certo. Outros, porém, indicam as [Beiras](#) para local de nascimento - de facto, verificam-se várias referências a esta área geográfica de Portugal, seja na toponímia como pela forma de falar das personagens. [José Alberto Lopes da Silva](#)<sup>1</sup> assinala que não há na obra vicentina referências a Barcelos nem a Guimarães, mas sim dezenas de elementos relacionados com as Beiras. Há obras inteiras, personagens, caracteres, linguagem. O conhecimento que o autor mostra desta região do país não era fácil de obter se tivesse nascido no norte e vivido a maior parte da sua vida em [Évora](#) e [Lisboa](#).

## Poeta-ourives?

Cada livro publicado sobre Gil Vicente é, quase sempre, defensor de uma qualquer tese que identifique ou não o autor ao ourives. A favor desta hipótese existe o facto de o dramaturgo usar com propriedade termos técnicos de [ourivesaria](#) na sua obra.

Alguns intelectuais portugueses polemizaram sobre o assunto. [Camilo Castelo Branco](#) escreveu, em [1881](#), o documento "*Gil Vicente, Embargos à fantasia do Sr. Teófilo Braga*" - este último defendia uma só pessoa para o ourives e para o poeta, enquanto que Camilo defendia duas pessoas distintas. Teófilo Braga mudaria de opinião depois de um estudo de [Sancho de Baena](#) que mostrava a genealogia distinta de dois indivíduos de nome Gil Vicente, apesar de Brito Rebelo ter conseguido comprovar a inconsistência histórica destas duas genealogias, utilizando documentos da [Torre do Tombo](#). Lopes da Silva, na obra citada<sup>1</sup>, avança uma dezena de argumentos para provar que Gil Vicente era ourives quando escreveu a sua primeira obra, uma imitação do *Auto del Repelón*, de [Juan del Encina](#) a quem pede emprestada não só a história, mas também as personagens com o seu respectivo idioma, o [saiaguês](#).

## Dados biográficos

Apesar de se considerar que a data mais provável para o seu nascimento tenha sido em 1466, sabe-se que casou com Branca Bezerra, de quem nasceram Gaspar Vicente (que morreu em 1519) e Belchior Vicente (nascido em 1505). Depois de enviudar, casou com Melícia Rodrigues de quem

teve Paula Vicente (1519-1576), Luís Vicente (que organizou a compilação das suas obras) e Valéria Borges. Presume-se que tenha estudado em [Salamanca](#), Espanha.



O *Monólogo do vaqueiro*, como teria sido representado pelo próprio Gil Vicente, de acordo com a visão do pintor [Rogue Gameiro](#).

O seu primeiro trabalho conhecido, a peça em castelhano *Auto da Visitação*, também conhecido como [Monólogo do Vaqueiro](#), foi representada nos aposentos da rainha [D. Maria](#), consorte de [Dom Manuel](#), para celebrar o nascimento do príncipe (o futuro [D. João III](#)) - sendo esta representação considerada como o marco de partida da história do teatro português. Ocorreu isto na noite de [8 de Junho](#) de [1502](#), com a presença, além do rei e da rainha, de [Dona Leonor](#), viúva de [D. João II](#) e [D. Beatriz](#), mãe do rei.

Tornou-se, então, responsável pela organização dos eventos palacianos. Dona Leonor pediu ao dramaturgo a repetição da peça pelas *matinas* de Natal, mas o autor, considerando que a ocasião pedia outro tratamento, escreveu o *Auto Pastoril Castelhana*. De facto, o *Auto da Visitação* tem elementos claramente inspirados na "[adoração dos pastores](#)", de acordo com os relatos do nascimento de [Cristo](#). A encenação incluía um ofertório de prendas simples e rústicas, como [queijos](#), ao futuro rei, ao qual se pressagiavam grandes feitos. Gil Vicente que, além de ter escrito a peça, também a encenou e representou, usou, contudo, o quadro religioso natalício numa perspectiva profana. Perante o interesse de Dona Leonor, que se tornou a sua grande protectora nos anos seguintes, Gil Vicente teve a noção de que o seu talento lhe permitiria mais do que adaptar simplesmente a peça para ocasiões diversas, ainda que semelhantes.

Se foi realmente ourives, terminou a sua obra-prima nesta arte - a Custódia de Belém - feita para o [Mosteiro dos Jerónimos](#), em 1506, produzida com o primeiro ouro vindo de [Moçambique](#). Três

anos depois, este mesmo ourives tornou-se vedor do património de ourivesaria no [Convento de Cristo](#), em [Tomar](#), Nossa Senhora de Belém e no Hospital de Todos-os-Santos, em Lisboa.

Consegue-se ainda apurar algumas datas em relação a esta personagem que tanto pode ser uma como múltipla: em 1511 é nomeado vassalo de el-Rei e, um ano depois, sabe-se que era representante da bandeira dos ourives na "[Casa dos Vinte e Quatro](#)". Em 1513, o mestre da balança da Casa da Moeda, também de nome de Gil Vicente (se é o mesmo ou não, como já se disse, não se sabe), foi eleito pelos outros mestres para os representar junto à vereação de Lisboa.

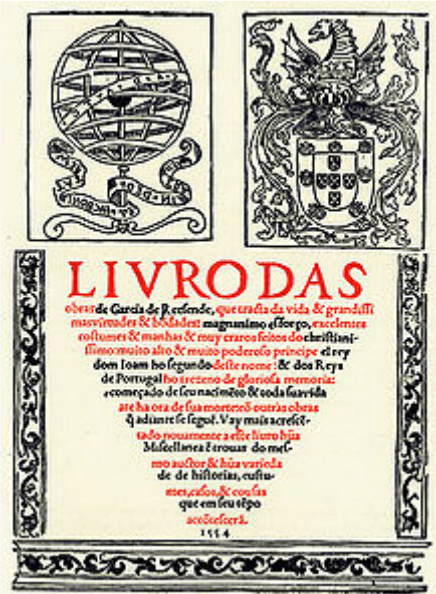


Autógrafo de Gil Vicente.

Será ele que dirigirá os festejos em honra de Dona Leonor, a terceira mulher de Dom Manuel, no ano de 1520, um ano antes de passar a servir [Dom João III](#), conseguindo o prestígio do qual se valeria para se permitir a satirizar o [clero](#) e a [nobreza](#) nas suas obras ou mesmo para se dirigir ao monarca criticando as suas opções. Foi o que fez em 1531, através de uma carta ao rei onde defende os [cristãos-novos](#).

Morreu em lugar desconhecido, talvez em 1536 porque é a partir desta data que se deixa de encontrar qualquer referência ao seu nome nos documentos da época, além de ter deixado de escrever a partir desta data.

## Contexto histórico



Obras de [Garcia de Resende](#), onde se inclui a Miscelânea onde se defende para Gil Vicente a paternidade do teatro português.

## O Teatro português antes de Gil Vicente

O teatro português não nasceu com Gil Vicente. Esse mito, criado por vários autores de renome, como [Garcia de Resende](#), na sua *Miscelânea*, ou o seu próprio filho, Luís Vicente, por ocasião da primeira edição da "Compilação" da obra completa do pai, poderá justificar-se pela importância inegável do autor no contexto literário peninsular, mas não é de todo verdadeiro já que existiam manifestações teatrais antes da noite de [7 para 8 de Junho](#) de 1502, data da primeira representação do "Auto do vaqueiro" ou "Auto da visitação", nos aposentos da rainha.

Já no reinado de [Sancho I](#), os dois actores mais antigos portugueses, Bonamis e Acompaniado, realizaram um espectáculo de "[arremedilho](#)"<sup>[1]</sup>, tendo sido pagos pelo rei com uma doação de terras. O arcebispo de Braga, [Dom Frei Telo](#), refere-se, num documento de 1281, a representações litúrgicas por ocasião das principais festividades católicas. Em 1451, o casamento da infanta Dona Leonor com o imperador [Frederico III da Alemanha](#) foi acompanhado também de representações teatrais.

Segundo as crónicas portuguesas de [Fernão Lopes](#), [Zurara](#), [Rui de Pina](#) ou Garcia de Resende, também nas cortes de [D. João I](#), [D. Afonso V](#) e [D. João II](#), se faziam encenações espectaculares. [Rui de Pina](#) refere-se, por exemplo, a um "momo", em que Dom João II participou pessoalmente, fazendo o papel de "[Cavaleiro do Cisne](#)", num cenário de ondas agitadas (formadas com panos), numa frota de naus que causou espanto entrando sala adentro acompanhado do som de trombetas, atabales, artilharia e música executada por menestréis, além de uma tripulação atarefada de actores vestidos de forma espectacular.

Contudo, pouco resta dos textos dramáticos pré-viceentinos. Além das [éclogas](#) dialogadas de [Bernardim Ribeiro](#), [Cristóvão Falcão](#) e [Sá de Miranda](#), [André Dias](#) publicou em [1435](#) um "Pranto de Santa Maria" considerado um esboço razoável de um drama litúrgico.

No [Cancioneiro Geral](#) de Garcia de Resende existem alguns textos também significativos, como o [Entremez do Anjo](#) (assim designado por [Teófilo Braga](#)), de D. [Francisco de Portugal](#), Conde de Vimioso, ou as trovas de [Anrique da Mota](#) (ou [Farsa do alfaiate](#), segundo [Leite de Vasconcelos](#)) dedicados a temas e personagens chocarreiros como "um clérigo sobre uma pipa de vinho que se lhe foi pelo chão", entre outros episódios divertidos.

É provável que Gil Vicente tenha assistido algumas destas representações. Viria, contudo, sem qualquer dúvida, a superá-las em mestria e em profundidade, tal como diria [Marcelino Menéndez Pelayo](#) ao considerá-lo a "figura mais importante dos primitivos dramaturgos peninsulares", chegando mesmo a dizer que não havia "quem o excedesse na Europa do seu tempo".

## Obra

---

### Características principais

A sua obra vem no seguimento do teatro ibérico popular e religioso que já se fazia, ainda que de forma menos profunda. Os temas pastoris, presentes na escrita de Juan del Encina vão influenciar fortemente a sua primeira fase de produção teatral e permanecerão esporadicamente na sua obra posterior, de maior diversidade temática e sofisticação de meios. De facto, a sua obra tem uma vasta diversidade de formas: o [auto](#) pastoril, a alegoria religiosa, narrativas bíblicas, farsas episódicas e autos narrativos.



Ilustração da edição original do [Auto da Barca do Inferno](#)

O seu filho, Luís Vicente, na primeira compilação de todas as suas obras, classificou-as em autos e mistérios (de carácter sagrado e devocional) e em [farsas](#), [comédias](#) e [tragicomédias](#) (de carácter profano). Contudo, qualquer classificação é redutora - de facto, basta pensar na Trilogia das Barcas para se verificar como elementos da farsa (as personagens que vão aparecendo, há pouco saídas deste mundo) se misturam com elementos [alegóricos](#) religiosos e místicos (o [Bem](#) e o [Mal](#)).

Gil Vicente retratou, com refinada comicidade, a sociedade portuguesa do [século XVI](#), demonstrando uma capacidade acutilante de observação ao traçar o perfil psicológico das personagens. Crítico severo dos costumes, de acordo com a máxima que seria ditada por [Molière](#) ("Ridendo castigat mores" - rindo se castigam os costumes), Gil Vicente é também um dos mais importantes autores [satíricos](#) da língua portuguesa. Em 44 peças, usa grande quantidade de personagens extraídos do espectro social português da altura. É comum a presença de marinheiros, [ciganos](#), camponeses, [fadas](#) e [demônios](#) e de referências – sempre com um lirismo nato – a dialetos e linguagens populares.

Entre suas obras estão "Auto Pastoril Castelhana" (1502) e [Auto dos Reis Magos](#) (1503), escritas para celebração [natalina](#). Dentro deste contexto insere-se ainda o *Auto da Sibila Cassandra* (1513), que, embora até muito recentemente tenha sido visto como um prenúncio dos ideais renascentistas em Portugal, retoma uma narrativa já presente na [General Estória](#) de [Afonso X](#). Sua

obra-prima é a trilogia de sátiras [Auto da Barca do Inferno](#)(1516), [Auto da Barca do Purgatório](#) (1518) e [Auto da Barca da Glória](#) (1519). Em 1523 escreve a [Farsa de Inês Pereira](#).



Auto de Mofina Mendes, onde se inclui uma anunciação, de acordo com os temas marianos, gratos ao autor

São geralmente apontados, como aspectos positivos das suas peças, a imaginação e originalidade evidenciadas; o sentido dramático e o conhecimento dos aspectos relacionados com a problemática do teatro.

Alguns autores consideram que a sua espontaneidade, ainda que reflectindo de forma eficaz os sentimentos colectivos e exprimindo a realidade criticável da sociedade a que pertencia, perde em reflexão e em requinte. De facto, a sua forma de exprimir é simples, chã e directa, sem grandes floreos poéticos.

Acima de tudo, o autor exprime-se de forma inspirada, [dionisíaca](#), nem sempre obedecendo a princípios estéticos e artísticos de equilíbrio. É também versátil nas suas manifestações: se, por um lado, parece ser uma alma rebelde, temerária, impiedosa no que toca em demonstrar os vícios dos outros, quase da mesma forma que se esperaria de um inconsciente e tolo [bobo](#) da corte, por outro lado, mostra-se dócil, humano e ternurento na sua poesia de cariz religioso e quando se trata de defender aqueles a quem a sociedade maltrata.

O seu lirismo religioso, de raiz medieval e que demonstra influências das [Cantigas de Santa Maria](#) está bem presente, por exemplo, no *Auto de Mofina Mendes*, na cena da [Anunciação](#), ou numa oração dita por [Santo Agostinho](#) no *Auto da Alma*. Por essa razão é, por vezes, designado por "poeta da Virgem".

O seu lirismo patriótico presente em "Exortação da Guerra", *Auto da fama* ou *Cortes de Júpiter*, não se limita a glorificar, em estilo épico e orgulhoso, a nacionalidade: de facto, é crítico e eticamente preocupado, principalmente no que diz respeito aos vícios nascidos da nova realidade económica, decorrente do comércio com o Oriente (*Auto da Índia*). O lirismo amoroso, por outro lado, consegue aliar algum [erotismo](#) e alguma brejeirice com influências mais eruditas ([Petrarca](#), por exemplo).



## Elementos filosóficos na obra vicentina

A obra de Gil Vicente transmite uma visão do mundo que se assemelha e se posiciona como uma perspectiva pessoal do [Platonismo](#): existem dois mundos - o Mundo Primeiro, da serenidade e do amor divino, que leva à paz interior, ao sossego e a uma "resplandecente glória", como dá conta sua carta a D. João III; e o Mundo Segundo, aquele que retrata nas suas farsas: um mundo "todo ele falso", cheio de "canseiras", de desordem sem remédio, "sem firmeza certa". Estes dois mundos reflectem-se em temas diversos da sua obra: por um lado, o mundo dos defeitos humanos e das caricaturas, servidos sem grande preocupação de [verosimilhança](#) ou de rigor histórico.



Primeira página do *Auto de Moralidade*.

Muitos autores criticam em Gil Vicente os [anacronismos](#) e as falhas na narrativa (aquilo a que chamaríamos hoje de "[gaffes](#)"), mas, para alguém que considerava o mundo retratado como pleno de falsidades, essas seriam apenas mais algumas, sem importância e sem dano para a mensagem que se pretendia transmitir. Por outro lado, o autor valoriza os

elementos [míticos](#) e [simbólicos](#) religiosos do [Natal](#): a figura da Virgem Mãe, do Deus Menino, da noite natalícia, demonstrando aí um zelo lírico e uma vontade de harmonia e de pureza artística que não existe nas suas mais conhecidas obras de crítica social.

Sem as características do [maniqueísmo](#) que tantas vezes se constata nas peças teatrais de quem defende uma tal visão do Mundo, há, realmente, a presença de um forte contraste nos elementos cénicos usados por Gil Vicente: a luz contra a sombra, não numa luta feroz, mas em convivência quase amigável. A noite de natal torna-se também aqui a imagem perfeita que resume a concepção cósmica de Gil Vicente: as grandes trevas emolduram a glória divina da maternidade, do nascimento, do perdão, da serenidade e da boa vontade - mas sem a escuridão, que seria da claridade?

## Personagens

- [Alcoviteira \(Gil Vicente\)](#)

- O Fidalgo
- O Parvo
- O padre
- Os quatro cavaleiros
- Todo-o-mundo
- Ninguém
- Berzabu
- Dinato
- Inês Pereira
- Pero Marques
- Brás da Mata

## Legado

---

Tão importante foi o trabalho de Gil Vicente que [Erasmo de Roterdão](#), filósofo holandês, estudara o idioma português para assim poder apreciar sua obra no original. Seu estilo deu origem à *escola de Gil Vicente*, ou *escola popular*, tendo por modelo as coisas simples do povo.<sup>2</sup>

Note-se que a obra de Gil Vicente não se resume ao teatro, estendendo-se também à [poesia](#).

Podemos citar vários [vilancetes](#) [ecantigas](#), ainda influenciadas pelo estilo palaciano e temas dos trovadores.

Vários compositores trabalharam poemas de Gil Vicente na forma de [lied](#) (principalmente algumas traduções para o alemão, feitas por [Emanuel von Geibel](#)), como [Max Bruch](#) ou [Robert Schumann](#), o que demonstra o carácter universal da sua obra. Os seus filhos, Paula e Luís Vicente, foram os responsáveis pela primeira edição das suas obras completas. Em 1586, sai à estampa uma segunda edição, com muitas passagens censuradas pela [Inquisição](#). Só no [século XIX](#) se faria a redescoberta do autor, com a terceira edição de [1834](#), em [Hamburgo](#), levada a cabo por Barreto Feio.

## Obras

- [Monólogo do Vaqueiro](#) <sup>(eBook)</sup> ou [Auto da Visitação](#) (1502)
- Auto Pastoril Castelhana (1502)
- [Auto dos Reis Magos](#) (1503)
- Auto de São Martinho (1504)
- [Quem Tem Farelos?](#) (1505)
- Auto da Alma (1508)
- [Auto da Índia](#) (1509)
- Auto da Fé (1510)
- [O Velho da Horta](#) (1512)
- [Farsa de Inês Pereira](#) (1523)
- Auto Pastoril Português (1523)
- Frágua de Amor (1524)
- Farsa do Juiz da Beira (1525)
- Farsa do Templo de Apolo (1526)
- Auto da Nau de Amores (1527)
- Auto da História de Deus (1527)
- Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela (1527)
- Farsa dos Almocreves (1527)

- Exortação da Guerra ([1513](#))
- Comédia do Viúvo ([1514](#))
- Auto da Fama ([1516](#))
- [Auto da Barca do Inferno](#) ([1516](#))
- [Auto da Barca do Purgatório](#) ([1518](#))
- [Auto da Barca da Glória](#) ([1519](#))
- Cortes de Júpiter ([1521](#))
- Comédia de Rubena (1521)
- Pranto de Maria Parda ([eBook](#))
- Auto da Feira ([1528](#))
- Farsa do Clérigo da Beira ([1529](#))
- Auto do Triunfo do Inverno (1529)
- [Auto da Lusitânia](#), intercalado com o entremez *Tudo Ninguém* ([1532](#))
- Auto de Amadis de Gaula ([1533](#))
- Romagem dos Agravados (1533)
- Auto da Cananea ([1534](#))
- [Auto de Mofina Mendes](#) (1534)
- [Floresta de Enganos](#) ([1536](#))

## Referências

---

1. ↑ <sup>a</sup> <sup>b</sup> *O mundo religioso de Gil Vicente*, [Covilhã](#), [Universidade da Beira Interior](#), 2002
2. ↑ José Marques da Cruz. *História da Literatura*. [S.l.]: Brasiliense, 1939. 215 p.

## Dramaturgo e ator português

# Gil Vicente

Data e local incertos. C. 1465Idem. C. 1536

Da Página 3 Pedagogia & Comunicação



Gil Vicente teve diversas farsas e comédias proibidas pela Inquisição portuguesa

Pouco se sabe sobre a vida de Gil Vicente, autor de Auto da Barca do Inferno. Ele teria nascido por volta de 1465, em Guimarães ou em outro lugar na região da Beira. Casado duas vezes, teve cinco filhos, incluindo Paula e Luís Vicente, que organizou a primeira compilação das suas obras.

No início do século 16, há referência a um Gil Vicente na corte, participando dos torneios poéticos. Em documentos da época, aparece outro Gil Vicente, ourives, a quem é atribuída a Custódia de Belém (1506), recipiente para exposição de hóstias feita com mais de 500 peças de ouro. Há ainda mais um Gil Vicente que foi "mestre da balança" da Casa da Moeda. Alguns autores defendem, sem provas, que os três seriam a mesma pessoa, embora a identificação do dramaturgo com o ourives seja mais viável, dada a abundância de termos técnicos de ourivesaria nos seus autos.

Ao longo de mais de três décadas, Gil Vicente foi um dos principais animadores dos serões da corte, escrevendo, encenando e até representando mais de quarenta autos. O primeiro deles, o "Monólogo do Vaqueiro" (ou "Auto da Visitação"), data de 1502 e foi escrito e representado pelo próprio Gil Vicente na câmara da rainha, para comemorar o nascimento do príncipe dom João, futuro rei dom João 3º. O último, "Floresta de Enganos", foi escrito em 1536, ano que se presume seja o da sua morte.

O "Auto da Sibila Cassandra", escrito em 1513, introduz os deuses pagãos na trama e por isso é considerado por alguns como o marco inicial do Renascimento em Portugal.

Alguns dos autos foram impressos sob a forma de folhetos e a primeira edição do conjunto das obras foi feita em 1562, organizada por Luís Vicente. Dessa primeira compilação não constam três dos autos escritos por Gil Vicente, provavelmente por terem sido proibidos pela Inquisição. Aliás, o índice dos livros proibidos, de 1551, incluía sete obras do autor.

Gil Vicente foi considerado um autor de transição entre a Idade Média e o Renascimento. A estrutura das suas peças e muitos dos temas tratados foram desenvolvidos a partir do teatro medieval, defendendo, por exemplo, valores religiosos. No entanto, alguns apontam já para uma concepção humanista, assumindo posições críticas.

Em 1531, em carta ao rei, Gil Vicente defendeu os cristãos-novos, a quem tinha sido atribuída a responsabilidade pelo terremoto de Santarém. Também no "Auto da Índia" apresentou uma visão antiépica da expansão ultramarina.

Gil Vicente classificou suas peças dividindo-as em três grupos: obras de devoção, farsas e comédias. Seu filho, Luís Vicente acrescentou um quarto gênero, a tragicomédia.

Estudiosos recentes preferem considerar os seguintes tipos: autos de moralidade, autos cavaleirescos e pastoris, farsas, e alegorias de temas profanos. No entanto, é preciso lembrar que, por vezes, na mesma peça encontramos elementos característicos de vários desses gêneros.

Gil Vicente vai muito além daquilo que, antes dele, se fazia em Portugal. Revela um gênio dramático capaz de encontrar soluções técnicas à medida das necessidades. Nesse sentido, ele pode ser encarado como o verdadeiro criador do teatro nacional.

Por outro lado, a dimensão e a riqueza da sua obra constituem

um retrato vivo da sociedade portuguesa, nas primeiras décadas do século 16, onde estão presentes todas as classes sociais, com os seus traços específicos, seus vícios e suas preocupações. Também no aspecto lingüístico o valor documental da sua obra é inestimável e constitui uma grande fonte de informação sobre o início do século 16 em Portugal.